

A Libras como ponte de relações: interação entre um ouvinte e um surdo na vivência acadêmica

Jônatas Santos Galdino^I  

Dinair Iolanda da Silva Natal^{II}  

Resumo

O presente artigo, de natureza teórico-reflexiva, propõe discutir a importância da Língua Brasileira de Sinais (Libras) na construção de relações de amizade entre estudantes surdos e ouvintes no ensino superior. A problemática tem se intensificado, evidenciando a língua como ponte nas interações universitárias, espaço de convivência, troca social e fortalecimento de vínculos. O estudo objetiva analisar, por meio do relato de um ouvinte, a relação entre Libras, inclusão e interações interpessoais, situando a universidade no âmbito da educação inclusiva e dialogando com debates da comunidade surda. Destaca-se a língua como marcador de pertencimento, considerando que Libras e português são línguas reconhecidas no país como meios de comunicação. A fundamentação teórica apoia-se em autores como Lodi, Quadros, Skliar e Strobil. Adota-se metodologia qualitativa e descritiva, orientada por Moita Lopes e Minayo. O texto evidencia a amizade entre surdos e ouvintes como elemento central para inclusão, pertencimento e permanência. Observa-se que a língua ultrapassa sua função instrumental, constituindo-se como meio de socialização e produção de conhecimento, apesar dos desafios na aprendizagem em português e sua mediação em Libras. Conclui-se que o fortalecimento da Libras no cotidiano universitário favorece relações mais equitativas e respeitadas.

Palavras-chave: Libras; educação inclusiva; ensino superior; amizade; surdos.

- I. Graduação em Andamento em Pedagogia pela Universidade Estadual do Paraná, Brasil. E-mail: jonatasgaldinosantos@gmail.com
- II. Doutorado em Teoria Literária pelo Centro Universitário Campos de Andrade, Uniandrade. Professora e Tradutora Intérprete de Libras da Universidade Estadual do Paraná, UNESPAR - Campus Paranaguá. Professora Bilíngue na Secretaria Municipal de Educação de Ensino Integral - SEMED e do Centro Educacional Municipal de Referência ao transtorno do Espectro Autista - CMAE - Prefeitura de Paranaguá - PR, Brasil. E-mail: dinair.natal@unespar.edu.br

Libras as a bridge for relationships: the friendship between a hearing person and a deaf person in the academic environment

Abstract

This theoretically reflective article discusses the importance of Brazilian Sign Language (Libras) in fostering friendship between deaf and hearing students in higher education. The issue has intensified, highlighting language as a bridge for interaction within universities, which serve as spaces for coexistence, social exchange, and the strengthening of interpersonal bonds. The study aims to analyze, through the account of a hearing individual, the relationship between Libras, inclusion, and interpersonal interactions, situating the university within the framework of inclusive education and engaging with debates from the deaf community. Language is emphasized as a marker of belonging, given that both Libras and Portuguese are officially recognized in Brazil as means of communication. The theoretical framework draws on the works of Lodi, Quadros, Skliar, and Strobel. A qualitative and descriptive methodology is adopted, guided by Moita Lopes and Minayo. The text highlights friendship between deaf and hearing individuals as a key element for inclusion, belonging, and retention. It shows that language extends beyond its instrumental function, serving as a medium for socialization and knowledge production, despite challenges in learning through Portuguese and its mediation into Libras. The study concludes that strengthening Libras in everyday university life contributes to more equitable and respectful relationships.

Keywords: Sign language; inclusive education; higher education; friendship; deaf people.



Libras como puente de relaciones: la amistad entre un oyente y un sordo en la vida académica

Resumen

El presente artículo, de carácter teórico-reflexivo, analiza la importancia de la Lengua Brasileña de Señas (Libras) en la construcción de relaciones de amistad entre estudiantes sordos y oyentes en la educación superior. Esta problemática se ha intensificado, evidenciando la lengua como un puente para la interacción en el ámbito universitario, entendido como un espacio de convivencia, intercambio social y fortalecimiento de vínculos. El estudio tiene como objetivo analizar, a partir del relato de una persona oyente, la relación entre Libras, inclusión e interacciones interpersonales, situando a la universidad en el marco de la educación inclusiva y dialogando con los debates de la comunidad sorda. Se destaca la lengua como marcador de pertenencia, dado que tanto Libras como el portugués son reconocidos oficialmente en Brasil como medios de comunicación. El marco teórico se apoya en autores como Lodi, Quadros, Skliar y Strobel. Se adopta una metodología cualitativa y descriptiva, orientada por Moita Lopes y Minayo. El texto resalta la amistad entre personas sordas y oyentes como un elemento central para la inclusión, el sentido de pertenencia y la permanencia. Asimismo, se observa que la lengua trasciende su función instrumental, constituyéndose en un medio de socialización y producción de conocimiento, a pesar de los desafíos en el aprendizaje en portugués y su mediación hacia Libras. Se concluye que el fortalecimiento de Libras en la vida cotidiana universitaria favorece relaciones más equitativas y respetuosas.

Palabras clave: Libras; educación inclusiva; educación superior; amistad; sordos.



Introdução

A inclusão de estudantes surdos no ensino superior tem se ampliado nas últimas décadas, impulsionada por marcos legais e por políticas públicas inclusivas voltadas à acessibilidade e à garantia do direito à educação. Com o caminhar da vida acadêmica e o desenvolvimento da maioria oralista, no entanto, para além do acesso formal, fez-se necessário refletir sobre as condições de permanência e participação efetiva dos estudantes surdos nesse cotidiano universitário. O que faz, nesse contexto, as relações sociais estabelecidas no ambiente acadêmico assumirem um papel central no artigo.

Mesmo com todas essas barreiras da comunicação, preconceito e dificuldades, a universidade é um espaço marcado por interações constantes, nas quais a comunicação se configura como elemento essencial para o desenvolvimento acadêmico, social e pessoal dos sujeitos. Para o estudante surdo, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui-se como principal meio de expressão, interação e construção de sentidos. Assim, quando a Libras passa a integrar o cotidiano universitário, ela favorece não apenas a comunicação pedagógica, mas também a aproximação entre surdos e ouvintes.

No entanto, em minha vida acadêmica aprendi a observar que a Língua brasileira de sinais Libras, muitas vezes, é restrita a espaços formais como a sala de aula, mesmo mediada por intérpretes, permanecendo pouco presente nas relações cotidianas entre estudantes surdos e estudantes ouvintes. Essa limitação contribuiu para o isolamento social do estudante surdo, dificultando a construção de vínculos e o sentimento de pertencimento à comunidade acadêmica.

Diante disso, tive o estímulo cultural da comunidade surda e dos cursos oferecidos pela Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, concluindo o curso e me tornando um tradutor intérprete antes mesmo da minha graduação, se fez necessário refletir sobre a importância da Libras, para além de sua função instrumental, reconhecendo-a como um recurso que possibilitou a aproximação entre sujeitos e a construção de relações significativas. Assim,



pude aos poucos perceber as frustrações, os erros e os acertos desses sujeitos surdos no ambiente universitário.

Dentre as diversas formas de interação social, a amizade destacou-se como uma relação que contribuiu para o sentimento de pertencimento, para a troca de experiências e para a construção de vínculos afetivos. Nesse sentido, este artigo tem como objetivo analisar, por meio do relato como ouvinte, a relação entre Libras, inclusão e interações interpessoais, situando a universidade no âmbito da educação inclusiva e dialogando com debates da comunidade surda. Refletir teoricamente sobre a importância da Libras na construção de relações de amizade entre estudantes surdos e ouvintes na vivência acadêmica, compreendendo-a como uma ponte de relações que fortalece a inclusão no ensino superior.

A Libras e a inclusão do estudante surdo no Ensino Superior

O ensino de Libras no ensino superior, bem como a oferta de cursos de língua de sinais, deve contribuir para a educação inclusiva de estudantes surdos. Esse processo tem refletido positivamente nas relações estabelecidas dentro e fora da universidade, especialmente nos espaços de convivência, favorecendo a permanência e a inclusão desses estudantes. Essa abordagem compreende o ingresso de estudantes surdos como um processo que, além de envolvê-los diretamente, exige a ampliação das condições de acesso e participação.

Não se trata apenas da matrícula formal ou da inserção inicial, mas também da promoção de relações e da consideração de fatores sociais, culturais e institucionais que podem dificultar a permanência acadêmica.

A inclusão, nesse sentido, deve ser entendida como a efetivação de oportunidades educacionais, e não apenas como a presença no processo seletivo ou na universidade. Assim, é fundamental garantir condições reais de acesso significativo ao ensino superior, considerando que a língua pode representar



um desafio nas interações e no desenvolvimento de atividades coletivas, como trabalhos em grupo que são necessárias adaptações comunicativas.

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) na Lei 10.436/2002 foi reconhecida legalmente como meio de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira, constituindo-se como elemento central de sua identidade linguística, cultural e social. Tal reconhecimento representa um avanço significativo no campo dos direitos linguísticos e educacionais, especialmente no que se refere ao acesso e à permanência no Ensino Superior.

Nesse contexto, a Libras assume papel fundamental ao possibilitar que o estudante surdo participe de forma mais autônoma das atividades acadêmicas e das interações no ambiente universitário. Além disso, o Estado brasileiro passa a reconhecer a Libras como língua própria da comunidade surda, assegurando sua legitimidade nos espaços educacionais, institucionais e sociais.

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil (Brasil, 2002, p. 1).

No âmbito do ensino superior, a principal opção comunicacional utilizada por estudantes surdos nas interações interpessoais é a Libras, considerada sua primeira língua, enquanto o português ocupa o lugar de segunda língua, na modalidade escrita. Os dados evidenciam as dificuldades que estudantes ouvintes enfrentam ao se relacionar com pessoas surdas, bem como a insuficiente qualificação para atendê-las de maneira satisfatória. Para a comunidade surda, a Libras está diretamente relacionada à garantia do direito



à comunicação e constitui um meio fundamental para o acesso à educação em condições de igualdade.

A legislação brasileira, ao assegurar o uso da Libras e a oferta de serviços de acessibilidade — como a atuação de tradutores e intérpretes —, foi fortalecida pelo Decreto nº 5.626/2005, que instituiu a inclusão da Libras como componente curricular obrigatório nos cursos de licenciatura e optativo nos cursos de bacharelado.

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto (Brasil, 2005, p. 1)

O decreto buscou minimizar as barreiras comunicacionais historicamente impostas aos estudantes surdos. Contudo, autores da área da educação inclusiva e dos estudos surdos apontam que a inclusão não se efetiva apenas por meio de dispositivos legais ou recursos técnicos, sendo necessária uma mudança de concepção acerca da surdez e da diferença linguística.

A compreensão da surdez a partir de uma perspectiva sociocultural permite reconhecer a pessoa surda como sujeito de uma língua própria e pertencente a uma comunidade com valores, práticas, identidades e modos de interação específicos. Segundo Silva *et al.* (2012, p. 255 - 256) “[...] na busca pela compreensão das práticas sociais dos sujeitos surdos, com enfoque na necessidade de estratégias e de materiais de ensino diferenciados nas práticas de letramento (s) deste grupo, respeitando a situação bilíngue do indivíduo surdo”.



Nessa perspectiva sociocultural, a Libras não deve ser entendida apenas como um recurso didático auxiliar, mas como uma língua legítima que organiza o pensamento, uma comunicação para as relações sociais do estudante surdo com o ouvinte. Assim, sua valorização no Ensino Superior contribuiu para a construção de ambientes acadêmicos mais democráticos e sensíveis à diversidade.

Entretanto, observa-se que, em muitas instituições de ensino superior, a Libras ainda se restringe aos espaços formais de ensino, como aulas mediadas por intérpretes, permanecendo ausente das interações cotidianas entre estudantes surdos e ouvintes. Essa limitação pode reforçar processos de exclusão simbólica, nos quais o estudante surdo, embora fisicamente presente, encontra dificuldades para participar plenamente da vida universitária.

No contexto da Libras como ponte de relações — especialmente na construção de vínculos de amizade entre ouvintes e surdos na vivência acadêmica —, a inclusão exige a ampliação do uso da língua para além da sala de aula.

Torna-se fundamental que a Libras esteja presente também nos momentos informais de convivência, diálogo e troca de experiências, favorecendo interações mais horizontais, o fortalecimento de vínculos interpessoais e a efetiva participação do estudante surdo na dinâmica universitária no processo de inclusão, foram enumerados no art. 3º na Lei 13.146 de julho de 2015 considera-se:

V - comunicação: forma de interação dos cidadãos que abrange, entre outras opções, as línguas, inclusive a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a visualização de textos, o Braille, o sistema de sinalização ou de comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos multimídia, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizados e os modos, meios e formatos aumentativos e alternativos de comunicação, incluindo as tecnologias da informação e das comunicações (Brasil, 2015, p. 1).



A partir dessa lei, atitudes ou comportamentos que limitavam ou impediam a participação e o relacionamento social passam a ser confrontados pelo reconhecimento dos direitos à acessibilidade, à expressão e à comunicação, garantindo o acesso à informação em Libras.

No cotidiano acadêmico, a Libras favorece não apenas o acesso ao conhecimento, mas também a construção de relações interpessoais mais equitativas. A aprendizagem e o uso da língua por estudantes ouvintes, ainda que em nível inicial de conversação, representam um movimento de aproximação e respeito à diferença, contribuindo para a redução de barreiras atitudinais e para a promoção de uma cultura inclusiva.

Mesmo que, a Libras se consolide como elemento essencial tanto para a construção de relações de amizade quanto para a inclusão do estudante surdo no ensino superior, abrangendo não apenas o âmbito pedagógico, mas também as dimensões sociais da vivência em sociedade. Lembrando que temos o trabalho de Lemos e Chaguri (2023, p. 202):

Um(a) aluno(a) ouvinte, quando tem a oportunidade de aprender Libras, multiplica ou descobre o poder de comunicação que existe, entende que é possível se comunicar com seu(a) colega surdo(a) ou qualquer outra pessoa surda que vive na sociedade, sem usar os mecanismos de comunicação conhecido entre os(as) usuários(as) da língua portuguesa - a (língua)gem oral.

À luz das contribuições de Lemos e Chaguri, compreende-se que a interação mediada pela Libras produz oportunidades de inclusão social a partir de uma relação dialógica, fundamentada em formas mais sensíveis e acessíveis de comunicação. Desse modo, a Libras possibilita a construção de enunciados que se orientam ao outro, fortalecendo vínculos e ampliando as possibilidades de interação humana. “Quando o indivíduo fala/escreve ou lê/ouve, ativa seu conhecimento preliminar do modelo dos gêneros discursivos a que ele teve acesso nas suas relações com a linguagem. Para cada esfera social, haverá um tipo de gênero discursivo” (Lemos; Chaguri, 2023, p. 204).



O aprendizado da Libras por sujeitos ouvintes constitui elemento fundamental para a efetivação de práticas inclusivas e para a promoção da equidade nas relações sociais, para além dos espaços educacionais. Embora seja reconhecida legalmente como meio de comunicação da comunidade surda, a Libras não deve ser compreendida como de uso exclusivo desse grupo, mas como instrumento de interação que viabiliza o diálogo entre diferentes sujeitos, respeitando a diversidade linguística e cultural.

Ao se apropriar da Libras, o ouvinte amplia suas possibilidades comunicativas e reconhece que a comunicação não se restringe à oralidade, rompendo com concepções hegemônicas que historicamente marginalizaram as línguas de sinais.

Mesmo em nível básico, seu domínio favorece a comunicação direta com estudantes surdos, reduz a dependência exclusiva do intérprete e fortalece vínculos de pertencimento, amizade e participação coletiva. Tal prática contribui para uma convivência mais democrática, na qual o estudante surdo deixa de ocupar uma posição de isolamento e passa a ser reconhecido como sujeito ativo nas relações pedagógicas e sociais.

Além disso, aprender Libras possibilita ao ouvinte o contato com a cultura surda, favorecendo a compreensão de que a surdez não se configura como limitação, mas como uma diferença linguística e cultural. Essa aproximação contribui para a desconstrução de estigmas, preconceitos e atitudes capacitistas, promovendo uma mudança de postura ética e social frente à diversidade.

Assim, o ensino de Libras para ouvintes configura-se como uma importante ferramenta de sensibilização, ampliando o olhar para as múltiplas formas de comunicação humana e fortalecendo valores como respeito, empatia e reconhecimento do outro.

Dessa forma, a aprendizagem de Libras por sujeitos ouvintes devem ser entendida como um compromisso coletivo, com a inclusão e com os direitos linguísticos da população surda. Trata-se de uma ação que ultrapassa o âmbito



individual e se insere no campo das políticas educacionais e sociais, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa, acessível e plural, na qual a comunicação seja efetivamente garantida como um direito de todos.

A amizade como dimensão da inclusão universitária

A amizade pode ser compreendida como uma relação social construída a partir da convivência, do respeito mútuo, da confiança e do reconhecimento do outro. No campo das ciências humanas e da educação, as relações de amizade são entendidas como fundamentais para o desenvolvimento social, emocional e identitário dos sujeitos, especialmente em contextos coletivos como a universidade.

Como mencionado anteriormente, para além do aprendizado de uma língua distinta, as relações entre sujeitos no ensino superior especialmente no contexto da surdez demandam a compreensão das especificidades comunicacionais e culturais envolvidas. Nesse sentido, este trabalho propõe-se a analisar a realidade do estudante surdo no ensino superior, explicitando os caminhos metodológicos adotados para o alcance dos objetivos da pesquisa.

Para tanto, foram realizadas leituras de referenciais metodológicos de natureza teórico-etnográfica, no âmbito da pesquisa qualitativa. A metodologia adotada fundamenta-se nas contribuições de Moita Lopes, que orientam investigações voltadas à compreensão das práticas sociais e discursivas em contextos educacionais.

Parece essencial que, como pesquisadores e formadores de pesquisadores em LA, possamos refletir sobre as formas de produzir conhecimento em nosso campo. A constituição de um corpo de metac conhecimento sobre uma área de investigação é extremamente importante para o seu desenvolvimento (Moita Lopes, 1994, p. 329 - 330).

Mediante esse contexto, enquanto pesquisadores, é possível refletir sobre o percurso acadêmico como um processo marcado por desafios,



transformações pessoais e construção de projetos de vida, no qual a amizade assume papel relevante na adaptação e na permanência dos estudantes.

Sob a perspectiva da educação inclusiva, a amizade se configura como uma dimensão essencial da inclusão, pois ultrapassa os aspectos formais de acesso e permanência institucional, alcançando as relações cotidianas que favorecem o sentimento de pertencimento.

No campo metodológico, a pesquisa fundamenta na perspectiva qualitativa. Conforme Minayo (1999, p. 16), a metodologia é entendida como “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Conforme a direção, investigar a vivência de relações interpessoais livres de preconceitos e barreiras implica considerar a realidade concreta das interações sociais, uma vez que, como afirma a autora, “nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática” (Minayo, 1999, p. 17).

Para autores que discutem inclusão, não basta que o estudante esteja matriculado na instituição; é necessário que se sinta parte integrante da comunidade acadêmica, participando ativamente das interações sociais e acadêmicas. Nesse sentido, a amizade atua como mediadora da inclusão social, contribuindo para a construção de vínculos e para a redução de processos de isolamento. Uma abordagem social que na área da educação inclusiva atua; com um papel importante dentro da construção e práticas do conhecimento, com base nisso:

Poderíamos dizer que o labor científico caminha sempre em duas direções: numa, elabora suas teorias, seus métodos, seus princípios e estabelece seus resultados; noutra, inventa, ratifica seu caminho, abandona certas vias e encaminha-se para certas direções privilegiadas (Minayo, 1999, p. 12).

No caso do conhecimento dos estudantes surdos, as relações de amizade com colegas ouvintes, podem representar um elemento central para o enfrentamento das barreiras comunicacionais e atitudinais presentes no Ensino



Superior, favorecendo não apenas a interação, mas também a participação plena na vida universitária.

A Libras, nesse contexto, desempenha papel fundamental na constituição dessas relações, pois possibilita a construção de interações mais horizontais entre surdos e ouvintes.

Quando estudantes ouvintes se dispõem a aprender e utilizar a Libras, ainda que em nível básico, demonstram abertura ao diálogo intercultural e respeito à identidade linguística do colega surdo. Esse movimento contribui para a desconstrução de práticas assistencialistas e para o estabelecimento de relações pautadas na reciprocidade.

Nessa perspectiva, autores como Skliar destacam que a inclusão do sujeito surdo passa, necessariamente, pelo reconhecimento de sua diferença cultural e linguística. Para o autor, a surdez deve ser compreendida para além de uma visão clínica ou deficitária, sendo entendida como uma diferença cultural constituída nas relações sociais e linguísticas, “a surdez não é uma deficiência que deva ser corrigida, mas uma diferença que precisa ser compreendida em sua dimensão linguística e cultural” (Skliar, 1998, p. 26).

Nessa perspectiva, autores como Skliar destacam que a inclusão do sujeito surdo passa, necessariamente, pelo reconhecimento de sua diferença cultural e linguística. Para o autor, a surdez deve ser compreendida para além de uma visão clínica ou deficitária, sendo concebida como uma diferença cultural que se constitui nas relações sociais e linguísticas (Skliar, 1998, p. 26).

A partir das contribuições de Strobel (2008), compreende-se que a cultura surda não se constrói de forma isolada, mas nas relações sociais mediadas pela língua de sinais e pelas experiências visuais compartilhadas. A identidade surda é resultado do convívio, da troca e do reconhecimento mútuo entre os sujeitos, sendo fortalecida em ambientes que favorecem a comunicação e a interação significativa. Nesse sentido, o espaço universitário pode configurar-se como um ambiente potente para o fortalecimento dessa identidade, desde que promova relações acessíveis, inclusivas e socialmente significativas.



Nesse contexto, a amizade entre estudantes surdos e ouvintes, mediada pela Libras, contribui para a valorização da cultura surda e para a ampliação das experiências sociais do estudante surdo. Ao possibilitar interações pautadas no respeito à diferença linguística, essas relações favorecem o sentimento de pertencimento e a participação ativa na vida acadêmica. Com isso a Libras como a ponte das relações entre os surdos e os ouvintes compreendendo uma pesquisa de aceite da historicidade, da relação na vivência e na humildade de reconhecer que tudo é construído.

Conforme Minayo (1999) esta pesquisa qualitativa foi nivelada com a realidade, buscando evitar a pesquisa quantitativa, mas lidando com o momento de significado e cheio de valores, permitindo assim um maior espaço das relações, dos fenômenos e dos processos junto à operacionalização de variáveis.

A libras como ponte de relações na vivência acadêmica

A Libras, enquanto língua visual-gestual, desempenha papel central na mediação de uma reflexão ético-política sobre as relações sociais entre estudantes surdos e ouvintes no contexto universitário. Para além de sua função comunicacional, configura-se como um elemento que possibilita o encontro entre sujeitos com diferentes experiências linguísticas, promovendo o diálogo, a empatia e a construção de vínculos. Nesse sentido, a língua atua como uma ponte de relações, conectando mundos historicamente separados por barreiras comunicacionais. Afinal:

[...] o caminho da língua (gem), das palavras, das proposições, do corpo que(m) fala pelo sujeito surdo. (Re) conhecer a língua de sinais como uma língua desestabilizou a ciência lingüística. Produz (iu) incessantes questionamentos. O que é língua afinal? O que é fala? Deslocam-se conceitos A língua não se constitui apenas em código oral-auditivo, mas também na tridimensionalidade do espaço, nas mãos. Falar uma língua (a boca que fala) perde o sentido. (Re) significa-se. A língua, portanto, é o corpo que (m) fala. O ouvinte fala uma língua oral. O surdo fala uma língua espaço visual. Língua é corpo (Mascia; Silva Júnior, 2003, p. 88).



Autores dos estudos surdos defendem que a língua de sinais é constitutiva do pensamento, da identidade e das relações sociais do sujeito surdo. Quadros (2004, p. 35) afirma que a Libras organiza a experiência linguística e cognitiva da gramática espacial da língua da pessoa surda, sendo fundamental para sua participação social e educacional. Assim, quando a Libras é reconhecida e incorporada ao cotidiano acadêmico, cria-se um ambiente mais acessível, no qual o estudante surdo pode interagir de forma mais autônoma e significativa.

A gramática espacial das línguas espaço-visuais atemorizava e instigava os educadores que não a conheciam. Porém, secretamente, às escondidas, distantes dos olhos dos ouvintes, sempre estiveram ali, no corpo, nas mãos e no olhar dos surdos que jamais calaram – que não cerraram as mãos (Mascia; Silva Júnior, 2003, p. 87).

Na vivência acadêmica, a libras assume especial relevância nos momentos informais de convivência, como trabalhos em grupo, conversas nos corredores, atividades extracurriculares e relações de amizade. Esses espaços, muitas vezes invisibilizados nas políticas institucionais, são fundamentais para a construção do sentimento de pertencimento.

Quando estudantes ouvintes se dispõem a aprender Libras, ainda que em níveis iniciais, ocorre um deslocamento importante das responsabilidades comunicacionais, que deixam de recair exclusivamente sobre o estudante surdo. Esse movimento contribui para a redução de barreiras atitudinais e para a construção de relações mais horizontais. Skliar (1998, p. 27) ressalta que a convivência baseada no reconhecimento da diferença possibilita relações mais éticas e respeitadas, nas quais o outro não é visto a partir da falta, mas da diferença.

Do ponto de vista lingüístico, obviamente, parece tratar-se de um avanço. Entretanto, os embates permanecem, mas, neste caso, no estatuto destas línguas para os surdos. Tendo em vista que, em última instância, a aquisição da LIBRAS pelo surdo sempre será um eficiente caminho para conhecer (e jamais saber) a língua dominante: o português. Todo o saber constituído na/pela língua de sinais (ágrafa) pelo surdo, para que permaneça historicamente registrado deverá ser aprisionado no papel pela língua do outro. Isto é inevitável. Constitutivo.



Evidencia-se que, mesmo nesta abordagem, ao transitar pelas duas línguas, uma “identificação surda” será possível somente no entremeio (Mascia; Silva Júnior, 2003, p. 88).

Dessa forma, a Libras, ao mediar as relações entre surdos e ouvintes, contribui para a humanização do espaço universitário, fortalecendo práticas inclusivas que se constroem no cotidiano. A língua de sinais deixa de ser apenas um recurso de acessibilidade e passa a ser compreendida como um instrumento de aproximação, diálogo e construção de laços sociais.

Nessa direção, Quadros (2004, p. 35) afirma que “a língua de sinais é uma língua natural, com estrutura própria, que possibilita aos surdos a organização do pensamento, a comunicação e a interação social”. Essa concepção permite compreender que a Libras atua como elemento estruturante da experiência social do sujeito surdo, possibilitando sua participação ativa nas interações acadêmicas. “[...] a violação de uma língua pela outra, a colonização de um sujeito sobre outro, o amoldamento das identidades, penetrando na alma do indivíduo e culminando com o apagamento das diferenças” (Mascia; Silva Júnior, 2003, p. 86).

No contexto universitário, reconhecer a Libras como língua plena significa criar condições para que o estudante surdo se expresse, construa vínculos e participe das dinâmicas coletivas de forma autônoma e significativa.

Complementarmente, Lodi (2006, p. 195) destaca que “em função das questões de linguagem, por terem tido um acesso restrito a ela, em decorrência de uma educação e de um processo clínico voltados e desenvolvidos por meio da linguagem oral do português e não da LIBRAS”. A partir dessa reflexão, compreende-se que a inclusão não se limita às práticas pedagógicas formais, mas se concretiza nas relações estabelecidas no dia a dia universitário.

Nesse sentido, a Libras, ao mediar as interações entre estudantes surdos e ouvintes, favorece a construção de laços sociais — como a amizade — e fortalece o sentimento de pertencimento do estudante surdo ao espaço



acadêmico. Assim, contribui para a consolidação de uma universidade mais humana, acessível e inclusiva.

Considerações finais

As reflexões desenvolvidas neste artigo evidenciam que a Libras desempenha papel central na construção de relações de amizade entre estudantes surdos e ouvintes no contexto universitário. Ao ultrapassar sua função meramente instrumental, a língua consolida-se como uma ponte de relações, promovendo o diálogo, o sentimento de pertencimento e a inclusão, ao possibilitar a participação mais plena do estudante surdo na vida acadêmica. Nesse cenário, a interação se configura como prática cotidiana de inclusão, contribuindo diretamente para sua permanência no ensino superior.

As relações interpessoais mediadas pela Libras favorecem a superação de barreiras comunicacionais e atitudinais, permitindo a construção de vínculos baseados no respeito mútuo e na valorização da diferença linguística e cultural. Assim, a inclusão deixa de ser compreendida apenas como cumprimento de dispositivos legais e passa a ser efetivamente vivenciada nas interações diárias.

Destaca-se, ainda, a necessidade de compreender a universidade como espaço de formação humana, no qual as relações sociais assumem relevância equivalente aos processos pedagógicos formais. A presença da Libras no cotidiano acadêmico contribui para a humanização das relações, ampliando as possibilidades de convivência, cooperação e aprendizagem entre surdos e ouvintes, além de fortalecer uma cultura universitária mais democrática e sensível à diversidade.

Nesse sentido, é fundamental que as instituições de ensino superior assumam o compromisso de promover ações que incentivem o aprendizado e o uso da Libras por estudantes ouvintes, docentes e demais membros da comunidade acadêmica. Tais iniciativas contribuem para a redução de barreiras atitudinais e para a construção de ambientes mais acessíveis, nos



quais a comunicação possa atuar como elemento de aproximação entre os sujeitos.

Por fim, investir na Libras e nas relações interpessoais no ambiente universitário constitui um caminho indispensável para o fortalecimento de uma cultura inclusiva, pautada no respeito às diferenças, na equidade de oportunidades e na construção de relações sociais mais humanas. Espera-se que este estudo contribua para o avanço das reflexões e pesquisas sobre a inclusão de estudantes surdos no ensino superior, especialmente no que se refere às dimensões sociais e afetivas da vivência acadêmica.

Referências

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2002. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm Acesso em: 23 abr. 2026.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Presidência da República, 2005. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm Acesso em: 23 abr. 2026.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Lei 13.146 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2015/lei-13146-6-julho-2015-781174-normaatualizada-pl.pdf> Acesso em: 23 abr. 2026.

LEMONS, Elsa Ferreira Silva Coelho de; CHAGURI, Jonathas de Paula. Como os(as) alunos(as) ouvintes do ensino médio integral podem vivenciar a língua brasileira de sinais (LIBRAS)? **Revista Linguagem, Educação e Sociedade**, Teresina, v. 27, n. 54, p. 199-223, 2023. DOI: <https://doi.org/10.26694/rles.v27i54.3926>



LODI, Ana Claudia Balieiro. A leitura em segunda língua: práticas de linguagem constitutivas da(s) subjetividade(s) de um grupo de surdos adultos In: Educação bilíngue para surdos e inclusão escolar. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 26, n. 69, p. 185- 204, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/w6S3d9rzQQPkNTBXKpCz54R/?format=pdf>. Acesso em: 22 maio 2026.

MASCIA, Márcia Aparecida Amado; SILVA JUNIOR, Alcebiades Nascimento. **Embates de línguas e embates identitários**: a constituição identitária do sujeito surdo no entremeio. Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2003. Disponível em: http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_052.pdf. Acesso em: 3 abr. 2026.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Pesquisa interpretativista em Linguística Aplicada: a linguagem como condição e solução. **Revista Delta**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 329-338, 1994. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45412>. Acesso em: 3 abr. 2026.

QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de sinais brasileira**: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVA, Henrique Márcio; et al. A inclusão de estudantes com deficiência no ensino superior: revisão de literatura. **Revista Vale**, Três Corações, v. 10, n. 2, p. 332-342, 2012. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/revistaunincor/article/view/722>. Acesso em: 3 abr. 2026.

SKLIAR, Carlos. Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: UFSC, 2008.





Como citar

GALDINO. J. S., NATAL, D. I. S. A Libras como ponte de relações: interação entre um ouvinte e um surdo na vivência acadêmica **Educação em Análise**, Londrina, v. 11, p. 1-20, 2026. DOI: <https://doi.org/10.5433/1984-7939.2026.v11.54533>.

Submetido em: 14 de janeiro de 2026

Aceito em: 30 de abril de 2026

Publicado em: 24 de junho de 2026

CRediT

Reconhecimentos:	Não se aplica
Financiamento:	Não se aplica
Conflito de interesses:	Os autores certificam que não tem interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito
Aprovação ética:	Não se aplica
Contribuição dos autores:	GALDINO. J. S. declara ter participado da redação do artigo, e afirma ter sido de sua responsabilidade a conceitualização, curadoria dos dados, análise formal, redação e revisão do texto; NATAL, D. I. S. Declara ter contribuído com a redação –rascunho original; supervisão e validação.

Equipe Editorial

Editora de Seção:	Letícia Bassetto Secorum
Membro da Equipe de Produção:	Ronald Rosa
Assistente de Editoração:	Gislaine Franco de Moura
Layout e Diagramação:	Carolina Motter Pizoni - Escritório de Apoio ao Editor Científico

